EXPEDIENTE.

Acabamos de receber, não sabemos d'onde, a seguinte carta: —

Sr. Redactor.

Rogamos-lhe o obsequio de nos illucidar se no programma, que já por duas vezes tem mandado aos seus assignantes, n'elle promette dar o expediente da distribuição das materias.

Em quanto a nós parece-nos ocioso estar gastando papel, tinta, e tempo com materia inteiramente obvia ao que se propoz; pois que os senhores que remetterem os seus artigos poderão ir ao escriptorio saber, se foram ou não aceitos, como se pratica em todos os outros jornaes, mesmo porque é tomar espaço que poderia ser preenchido com alguma coisa util, e não com descomposturas alheias ao assumpto de um jornal scientifico, e de merecimento. Assim esperamos que este nosso alvitre mereça a sua aprovação. Seu assignante

A.

Respondemos ao Sr. *A.*, que no programma da *Revista*, nada se prometteu á respeito de expediente, nem dal-o nem não dal-o; e, por consequencia, nos ficou liberdade para o darmos se o julgassemos conveniente: agora accrescentaremos que a experiencia nos tem mostrado, não só a sua conveniencia, mas até a sua necessidade indispensavel: e, sem irmos mais longe a propria resposta que n'este momento estamos dando, ¿ como a poderiamos dar sem expediente? ¿ adivinhamos nós quem é o Sr. *A.* ou onde mora? Se todos os nossos correspondentes tivessem para comnosco a attenção de assignarem os seus nomes por extenso, poderiamos responder-lhes pelo correio, ainque para o fazer seria ás vezes necessaria uma secretaria; mas vindo-nos alguns e muitos d'elles, ora anonymos, ora supprindo a sua assignatura por iniciaes, quasi sempre desconhecidas, e talves muitas vezes falsas, e succedendo haver n'essas cartas, ainda quando por algum motivo se não devem estampar, objectos merecedores de resposta, de explicação, de illustração, de rectificação, de condemnação, etc., etc., etc.; ¿ porque, para que fim, e com que direito nos pertende o Sr. *M.* quebrar os braços, e reduzir-nos á condição passiva da estatua de *Pasquino*? Quanto a dizer-nos S. S.ª que o uso dos outros jornaes é não darem expediente, responderemos, que ainda que nenhum jornal o desse, pouco provaria o argumento; porque todas as coisas que no mundo se fazem geralmente, começaram por ser feitas por um só, mas que muitos jornaes ha que o fazem em *Inglaterra* e em *França*, e não citaremos mais do que um por ser hoje o mais frequente em Portugal; é de Paris e intitula-se *L'Illustration.* — Finalmente quanto a descomposturas, nem as queremos, nem as costumamos. A *Revista* tem-n'as sempre esquivado quando e até onde lhe é possivel; mas o que ainda não aprendemos, é a arte (aliás muito christã e muito louvavel) de responder com cortesias ou de não responder a quem, sem justiça, sem provocação, sem civilidade, vem de proposito insultar-nos. — Por ultimo queira o nosso assignante reler todos os nossos expedientes, analysal-os parte por parte, e convencer-se-ha de que não ha n'elles ponto algum justamente condemnavel; de que tudo ahi foi, por alguma razão, necessario, e de que sob o intuito pelo menos da tão desejavel e tão tardia moralisação da imprensa, esta parte do nosso jornal não é talvez a menos util.

CONHECIMENTOS UTEIS.

NOVO ESTRUME.

3561 No artigo 1687 fallámos de um adubio então recém-introdusido em *França* com o nome de *guano*, do qual um lavrador, que o experimentara, pregoava maravilhas, chegando a dizer que — tamanha era a vantagem que a todos os outros levava, que, fosse qual fosse o seu custo, sempre fasia conta: mas o que era o tal guano ignoravamol-o a esse tempo; — hoje, que d'elle achamos noticia; qual a colhemos de um jornal scientifico, tal a damos: —

Encontrou-se a principio este producto como terra, formando plainos desmedidos e profundissimos nas costas do *Perú*, do *Chili* e da *Bolivia*, e mais modernamente na costa occidental da Africa, não longe da colonia ingleza do cabo. Deram-se os naturalistas e os chimicos a estudal-o; assentaram em que era formado de camadas successivas de excrementos de aves marinhas e de residuos das mesmas aves, accumulados pelo correr dos seculos. ¡ Coisa admiravel! partes ha, segundo affirmam, em que se acharam obra de quarenta braças de fundura d'esta substancia, apparecendo n'ella enterrados, ¡ coisa mais admiravel ainda! a seis ou septe braças, ovos das mesmas aves muito bem conservados.

A analyse descobrio que se compunha dos seguintes principios:

Agua	23,50
Materia organica	32
Ammoníaco puro	10
Sulfato de potassa	1,20
Sulfato e muriato de sóda	3,80
Acido phosphorico	2,50
Phosphato, carbonato de cal e magnesia	27
	100,00

Desde as primeiras experiencias, que se fizeram de guano, como condimento para terras, se reconheceu a sua prodigiosa virtude fecundante, pelo que a fama, que d'elle entrou logo a correr, o fez dentro em pouco desejado de muitos lavradores na França, na Inglaterra e em outras muitas partes; e os especuladores começaram de mandar buscal-o e vendel-o em grande copia nos mercados: achando-se geralmente que para todo o genero de culturas excede o dobro, o triplo a todo a outra casta de estrumes mais gabados: tanto assim, que já os falsificadores, que nunca faltam, onde apparece coisa de grande consumo, teem principiado a falsifical-o, e a vendel-o misturado com pó de tejolo e outros mineraes similhantes; — assim se vendeu elle, não ha muito, em *Manchester*.

Parece-nos que os nossos donos de navios poderiam algumas vezes, mandal-os carregar de guano, para as torpaviagens, ou mandal-o até buscar de proposito quando não tivessem especulação mais lucrativa, visto como todo o trabalho se reduz a carregal-o para bórdo.

Ha poucos mezes na ilha de *Ichaboe*, vinte e quatro milhas pouco mais, ao menos ao norte de *Angra-Pequena*, se achavam a carregar de guano, ao mesmo tempo, trinta e septe navios de diversos paizes.

Julgamos superfluo advertir que esta importação, toda em beneficio da agricultura, deveria ser totalmente livre de direito; antes o governo mesmo, para melhor incitar os especuladores a fazel-a, devia remover préviamente todos e quaesquer obstaculos, se, por ventura os houvesse, para se ir apanhar esta riqueza; e, para espertar os tibios, mandar elle proprio um ou mais navios, que dessem o exemplo.

ADVERTENCIA.

Satisfaremos aos desejos de alguns amantes da agricultura nacional, copiando do *Agricultor Michaelense* o seguinte, artigo posto houvessemos já no volume II dado á luz a interessante memoria sobre a cultura do arroz do Sr. Antonio Candido Pacheco. O respeito e gratidão, que tributamos á benemerita Sociedade promotora da Agricultura Michaelense e o justo apreço, que fazemos como ella e como todos das superiores luzes

do nosso amigo o Sr. J. M. Grande, nos vedam supprimir n'este opusculo o que aliás se achava já comprehendido no supracitado.

ARROZ.

3569. Um dos primeiros empenhos da Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, ainda quasi no seu embrião, foi a introducção da cultura do arroz n'aquelles sitios de nossa ilha, que por sua exposição, e pela circumstancia de se poderem alagar, ficavam sendo azados para a aclimação de um vegetal tão geralmente apreciado.

Esta tentativa aliás assentada em bom fundamento de razões pareceu a muitos estranha, se não louca; — não foi todavia o seu resultado tão pecco, que não corrigisse o máu favor com que era olhada.

Um ensaio, que por parte da sociedade se tentou na Villa da Ribeira-Grande, não sendo convenientemente dirigido, por motivos excepcionaes que não são para o ponto, quasi que foi completamente malogrado: no mesmo anno porém o Sr. João Silverio Vaz Pacheco de Castro, que commettera ao Sr. Manuel de Resendes; do Faial da Terra, egual experiencia n'um terreno alagadiço, confinante com a ribeira que atravessa aquelle logar, colheu o exito mais lisongeiro; — de 40 varas de terreno cultivadas com não excessiva despeza, alcançou 11 alqueires de arroz não descasculado, que pesava 15 arrateis.

O resultado excedêra a espectação.

Não são as innovações e novidades de tão difficil calar no animo dos lavradores, como muitas vezes se tem assoalhado: em a utilidade palpavel dando as mãos ao successo feliz, ahi introduzireis as mais descommunaes e exoticas coisas; que já mais julgarieis se temperassem com os ares da terra.

Não abortou, como quasi sempre abortam as primeiras experiencias, esta do arroz: quereis saber qual foi a consequencia? Os visinhos e conhecidos de quem dirigia o ensaio, entrando no mais particular conhecimento d'esta cultura, e colheita, experimentaram-n'a, este anno, intendendo mui judiciosamente que se recolhessem de lavra propria um pouco de arroz assim como recolhem o feijão, e as ervilhas, e as favas, e tantos outros mantimentos, não seria mesquinha economia para a sua bolsa.

Com effeito, tivemos, já este verão, o prazer de admirar na villa da Povoação dois, ainda que pequenos, formosissimos arrozaes, pertencentes um d'elles ao Sr. Felicio José Furtado, administrador do concelho.

Um defeito todavia se tem notado n'esta cultura, desde o primeiro anno que se tentou, — a desegual granação e maturação das espigas — o que torna mui difficil e dispendiosa a sua ceifa, collocando o lavrador na alternativa de ou colher o grão verde para o aproveitar todo, ou de esperdiçar a maior parte para recolher o restante perfeitamente maduro; por quanto a espiga vae amadurecendo por ordens successivas da base para o tope, estando ainda aqui em *leite*, quando já acolá está caindo de secca.

Esta questão importante suscitou-se entre os socios da Sociedade promotora da agricultura michaelense na sua sessão de 29 de desembro de 1843; mas não passando de meras conjecturas todas as considerações, que então se avançaram, julgou-se mais acertado aviso recorrer ás luzes de alguns mui illustrados socios correspondentes, que aquella sociedade tem a honra de possuir.

Esta deliberação foi realisada em 24 de fevereiro ultimo remettendo-se a todos os socios correspondentes de Portugal uma circular onde se encontravam, na forma de quesitos, todas as questões que, a respeito d'esta interessante cultura, importava illucidar.

O mui distincto lente de botanica na eschola polytechnica de Lisboa o Sr. Doctor José Maria Grande é o unico que até agora teve a condescendente benignidade de nos responder. Comprehendendo a alta missão que a sciencia tomou em nossos dias, de — plebeia — penetrar com seu facho de luz em todos os recantos de campos e cidades — onde quer que negreja a ignorancia —, não duvidou descer da subida posição que seu saber lhe ha grangeado, para vir com aquella singeleza propria dos altos ingenhos — entreter-se no utilissimo, — ainda que para as ambições do dia — inglorio trabalho de alumiar o lavrador lá n'uma choça onde não fumega o incenso. Honra e gloria a quem a alcança na estrada cumbrêa do merito!

Possa este sincero testemunho de gratidão ser tão bem aceito quanto desinteressada é a mão que se estendeu por trezentas legoas de Oceano para vir ajudar a uma lida de lavrador desconhecido!!

DA CULTURA DO ARROZ (ORISA SATIVA) EM PORTUGAL.

A cultura do arroz demanda um clima calido, de uma temperatura constantemente elevada a contar do meado de abril, durante os quatro ou cinco mezes necessarios ao seu desinvolvimento e vegetação: a exposição do terreno consagrado a esta cultura deve ser meridional — a situação abrigada dos ventos do norte, e exposta a uma forte insolação; o solo deve ser substancial, e susceptivel de ser facilmente innundado. O arroz, que se póde considerar como o pão da Asia, é muito commum na India, na China, no Japão, e em quasi todos os paizes quer continentaes quer insulares d'esta parte do mundo — é tambem cultivado em alguns pontos de Africa e particularmente no Egipto, e actualmente em diversas regiões da America, e sobre tudo nas Carolinas. Na Europa meridional cultiva-se principalmente na Italia, na Hispanha e em Portugal.

O arroz é um alimento sadio e nutritivo. A analyse chimica d'esta substancia tem provado que ella abunda em principio amilaceo e glutinoso; e tem feito conhecer que o arroz produzido na Europa tem mais principios nutritivos do que o exotico, e que o de Portugal é mais substancial que o carolino.

Mas com quanto o arroz seja uma substancia alimentar por extremo sadia e hygienica, todavia a sua cultura produz um grande numero de enfermidades, e torna por tal modo insalubres os terrenos onde se verifica, que ha sido proscripta pela legislação de alguns paizes da Europa, e nomeiadamente pela de França e Hispanha. Em Portugal não ha porém apresentado esta cultura os inconvenientes, que a tem desacreditado n'aquelles dois anteriores paizes. Apparecem, é verdade, nas localidades visinhas dos arrozaes algumas febres periodicas, mas estas molestias não são nem mais frequentes nem mais graves e pertinazes do que as da mesma natureza, que accommettem geralmente as populações ruraes em outros pontos do paiz.

Na Italia são porém tão morbiparas as localidades consagradas a esta cultura, e em alguns pontos, como na Romania e no Piemonte, são tão devastadoras as epidemias d'ella provenientes, que no congresso scientifico reunido em *Luca* em septembro de 1843, foram condemnados os arrozaes como focos perennes de infecção e de doença. Entretanto deprehende-se da luminosa discussão, que teve logar sobre este ponto entre os muitos sabios de diversas nações alli reunidos, e de varias observações feitas em diversos tempos e logares, que os terrenos paludosos, quando incultos, não são menos doentios e infectos do que quando votados a este cultivo; e que, uma vez que se adoptem certas precauções hygienicas, podem ficar grandemente atenuados os inconvenientes mencionados.

Pondo porém de parte estas e outras considerações, que poderamos fazer sobre as vantagens e desvantagens d'esta cultura, passaremos a expor a maneira porque se faz entre nós.

O terreno destinado á cultura do arroz, depois de bem lavrado e preparado, é dividido em repartimentos eguaes ou quasi eguaes, contiguos uns aos outros, mas separados por pequenas paredes ou banquetas de terra feitas á enxada; e tendo a sufficiente espessura e solidez para poderem suster a agua, que se repreza em cada repartimento na altura de palmo e meio a dois palmos. Usa-se ordinariamente dar ás banquetas um pé de espessura, mas esta póde variar segundo a maior ou menor inclinação do terreno, que deve tambem influir na diversa grandeza e direcção dos repartimentos, afim de facilitar a sua innundação successiva, e de impedir uma queda rapida da corrente de agua de uns para outros.

Passados dois ou tres dias depois de cheios os repartimentos ou tanques, semeia-se então o arroz a lanço sobre a agua. E' conveniente, e de um uso quasi geral, conservar a semente em agua durante 5 ou 6 dias com o dobrado intuito de accelerar a germinação, e de a tornar mais pesada para que logo procure o fundo do tanque, onde tem de se desinvolver e radicar.

Alguns agricultores da Ribeira de Sôr costumam escoar a agua dos tanques por poucos dias durante a maior força da florescação, com o fim de aquecer a terra, de accelerar por conse-

quencia a maturação, e antecipar a colheita. Esta pratica parece apro eitar particularmente nos terrenos menos expostos á acção directa dos raios solares.

Depois de estar madura a panicula, o que acontece estando ainda verde o colmo, e o que se conhece pela sua cor amarellada, pela concorrencia dos passaros e pelo começo da disseminação, devem os arrozaes cegar-se e malhar-se desde logo. A ceifa não póde differir-se sem se perder uma grande copia de grão; e a malha se não se segue immediatamente á ceifa, torna-se muito difficil, e faz-se com muita imperfeição. Cada um d'estes processos tem pois uma época propria, que não póde sem graves inconvenientes ser differida. Separado e limpo o grão da palha é novamente malhado para se lhe quebrar a casula, como dizem os agricultores, e póde depois d'esta operação ir para o moinho. Eis-aqui os processos agronomicos seguidos em Portugal na cultura do arroz. — Satisfarei agora do modo possivel ao outro quesito que me foi dirigido pela Presidencia d'essa Sociedade com a sua carta de 24 de fevereiro ultimo.

¿Qual será a causa da desegual maturação da semente do arroz cultivado na ilha de S. Miguel? E' difficil, se não impossivel a resolução d'este problema, a quem não póde seguir e observar as diversas phases do desinvolvimento e vegetação d'esta planta, e as diversas influencias metheorologicas e climatericas locaes, que presidiram a este mesmo desinvolvimento, bem como certas condições agronomicas relativas ao solo, que podem modificar diversamente a serie das funcções conservadoras ou reproductoras, que concorrem para uma normal fructificação, que é o principal fim da vida vegetal, ou o ponto onde se termina a vida do individuo para se continuar a da especie. Não tratarei por tanto de dar uma cabal resolução do problema, mas aventurarei somente algumas considerações, que serão avaliadas como merecem pelos intelligentes agronomos d'esse archipelago.

A sementeira faz-se rara, e nunca se lançam mais de tres quartas até um alqueire em uma boa geira de terra. Quando se semeia basto prejudica-se o afilhamento caulinar da planta, que costuma ser prodigioso nas culturas bem dirigidas.

Em Portugal, e particularmente na Ribeira de Sor, onde esta cultura se tem admiravelmente generalisado, quasi sempre o agricultor obtem obra de sessenta sementes, ou um moio por alqueire de semeadura.

Logo que a sementeira estiver concluida é mister evitar cuidadosamente que o gado, quer lanigero, quer vacum, beba da agua dos arrozaes, que lhes produz molestias graves e quasi sempre funestas; e principalmente metheorismos, a que se segue uma morte infallivel e prompta. As irrigações imprudentemente feitas com esta agua tambem são summamente damnosas aos pomares, e ás culturas horticulares e delicadas.

E' entre 15 de abril e 15 de maio, que ordinariamente se faz a sementeira na Ribeira de Sor, nas margens do rio Ervedal, e nas proximidades do Sado. A respeito dos outros pontos do reino não posso marcar fixamente a época, que poderá ser mais antecipada ou retardada segundo a diversidade das condições e circumstancias climatericas.

Os tanques conservam-se cheios de agua até 10 ou 15 dias antes da ceifa. Mas é mister que durante o longo intervallo da vegetação da planta a agua seja total ou ao menos parcialmente renovada; e isto mais ou menos a miudo, segundo a sua maior ou menor quantidade. Em geral a frequencia d'esta operação não só interessa o desenvolvimento e a prosperidade dos arrozaes, mas ainda a salubridade local; por maneira que refrescando continuamente a agua dos tanques com uma pequena corrente perenne se obteem grandes vantagens, tanto agronomicas, como hygienicas.

Quando a agua é escassa contentam-se os agricultores com regar os seus arrozaes de 8 em 8 dias, mas essas regas carecem de ser feitas com mão larga, e de modo que os tanques fiquem mais ou menos cobertos d'este liquido. Não procedendo assim a planta aquatica não se desinvolve.

A elevada temperatura de que carecem para o seu normal desinvolvimento as diversas variedades da *Orisa sativa* cultivada na Europa meridional, e a constante permanencia d'esta temperatura durante os quatro a cinco mezes necessarios ao complemento dos actos vitaes, que começam na germinação e acabam na disseminação, não supponho que deixem de existir na ilha de S. Miguel, onde vegetam perfeitamente todas as *aurantiaceas* e muitas plantas dos paizes intertropicaes. Mas com quanto exista na mencionada ilha esta indispensavel condição á vegetação do arroz, é todavia possivel que a contar do meado de abril até ao meado de septembro, a temperatura, desça mais ou menos consideravelmente, sobre tudo durante as noites d'este ultimo mez, e que este abatimento seja um obstaculo á prompta, egual, e completa maturação da semente. N'este caso a pratica já mencionada e seguida pelos agricultores da Ribeira de Sor de escoar por poucos dias a agua dos tanques durante a maior força da floração, com o fim de esquentar o solo com a directa incidencia dos raios solares, provocando assim uma mais prompta, e egual maturação, póde ser que destrua os inconvenientes mencionados, e que venha a ser coroada com um bom resultado.

Esta seria pois a primeira experiencia, que conviria tentar nos arrozaes de S. Miguel para destruir a granação successiva, e estabelecer a simultanea n'esta cultura.

Por outro lado o arroz é como se sabe, uma planta aquatica cuja fecundação, fructificação, e disseminação se faz em pleno ar, como as da maior parte d'estas plantas. Tem-se porém observado que muitas plantas aquaticas fructificam melhor e mais promptamente quando os seus caules deixam de estar submergidos durante os ultimos dias da sua fructificação, como se observa em alguns generos da familia das *Cyperaceas* etc.; e então conviria tentar a pratica de escoar os tanques, n'este periodo, se a pratica acima indicada tivesse alguns inconvenientes. Geralmente todas as plantas no periodo da fructificação, e muito principalmente a familia das *gramineas* (á qual pertence a *Orisa sativa*) no periodo da granação não carecem senão de muito pequena quantidade de agua para que esta funcção se execute normalmente. Uma excessiva quantidade d'este liquido é sempre um obstaculo á prompta e completa granação, porque communica á seiva qualidades contrarias áquellas que n'esta época precisa; e então eis-aqui mais uma inducção que nos levará a não conservarmos os arrozaes allagados até á colheita, e a tirar-lhes as aguas, ainda que por pouco tempo, na época da fructificação.

Mas como por outro lado a desegualdade da maturação póde provir do pouco vigor, com que se fizeram as funcções previas á fructificação, e póde por isso depender de não haver sido rodeada a planta das principaes circumstancias que favorecem o seu desinvolvimento; e como a principal d'estas circumstancias seja a submersão durante a época do seu maior crescimento, é possivel tambem que a maturação da semente se faça successiva e não simultaneamente, por não haverem sido sufficientemente allagados os arrozaes durante os tres primeiros mezes de sua vegetação; e n'este caso conviria tel-os constantemente innundados durante este espaço de tempo.

Seria de vantagem observar-se se acaso a fecundação se faz em épocas successivas, e com interrupções evidentes, porque n'este caso seria este o principal motivo da maturação intercalar, e successiva; e então para a tornar simultanea talvez conviesse evacuar na maior força da floração, a agua dos tanques durante as 12 horas do dia, tornando logo a enchel-os ao pôr do sol. Esta pratica teria duas vantagens, sendo a primeira a acção excitante da insolação sobre o terreno e a segunda a renovação de uma agua mais propria á vegetação, por se achar mais sobrecarregada dos principios que as plantas aquaticas d'ella absorvem.

São estas as reflexões que se me offerecem, e que posso transmittir á illustrada Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense para que as tome na consideração que merecerem.

Lisboa 30 de junho de 1844.

O Doctor José Maria Grande.

MUI ATTENDIVEIS REFLEXÕES SOBRE AS PROPOSTAS PARA A NAVEGAÇÃO DO TEJO.

(Carta.)

3563. Logo que li no Diario do Governo n.° 240 a proposta do Sr. D. Manuel Bermudez de Castro para tornar navegavel o rio Tejo desde Aranjuez até esta nossa capital, e reflecti um pouco nas condições

do contracto, por elle proposto ao nosso governo, fiz tenção de fazer algumas observações ácerca d'estas condições, por me parecerem alguma coisa mais do que inadmissiveis. As minhas occupações porém só agora me permittiram que as podesse escrever e enviar a V. para me fazer o distincto obsequio de as publicar no seu interessante jornal (a *Revista Universal Lisbonense*) se d'isso as julgar dignas.

Pela primeira e segunda condição propostas se conhece que o Sr. D. Manuel Bermudez de Castro ainda não fez o reconhecimento do rio; pois que promette fazel-o e levantar os planos, formar orçamentos, etc., apenas se tenha verificado o contracto, ou quando muito seis mezes depois: isto é a substancia da primeira condição dicta. — A segunda consiste em se obrigar a formar a companhia para esta importantissima empreza, no termo de dois annos depois de verificado o contracto. — Aqui temos pois confessado pelo mesmo proponente, que nem conhece a obra que pertende fazer, nem sabe quanto lhe custará, nem tem socios para formar a sua companhia. ¿Que figura faz d'esta maneira? que pertende se ajuise d'elle? ¿Não dirão todos os leitores de taes condições «que os seus intentos manifestos consistem em tentar huma especulação lucrativa, para ver se póde illudir o governo e as côrtes portuguezas com lisonjeiras e phantasticas promessas de uma extensa navegação do maior rio do nosso reino, a fim de obter (sem nada arriscar) o senhorio absoluto do mesmo rio, para ao depois ir pôr em praça a quem mais lhe der a cessão ou trespasso de uma empreza tão vantajosa?

Nada exagero quando digo que pertendia o senhorio absoluto do Tejo, á vista da oitava condição; pela qual pertende — *que se imponha a favor da empreza um direito sobre todos os barcos de vella portuguezes, que continuarem a navegar pelas aguas do conquistado rio, por tempo de 15 annos!* .... Demaneira que (1) mil e cincoenta e oito barcos d'aquelles que navegam desde Lisboa a Tancos deviam ficar tributarios da nova empreza!

Mas ainda isto é pouco. — Pela undecima condição pertendia tambem que os mesmos barcos tributarios não podessem levar nenhumas mercadorias desde o deposito (da empreza) até á raia da Hispanha.

Deveriam ser dois os depositos da companhia: a saber, — Um proximo da raia, outro do porto de mar, a fim de receberem todas as mercadorias que viessem de Hispanha para exportação, ou para lá fossem importadas, as quaes só pagariam um direito de transito e nada mais, por espaço de trinta annos ....

¿Que nos ficava para nós? O favor immenso de nos ser admittida uma terça parte de barqueiros portuguezes nas tripulações dos barcos hispanhoes: oitava condição das geraes!.... Deixo de analysar as outras condições menos importantes; porque tal proposta não se póde ler, nem pensar n'ella a sangue frio, e receio sair (sem dar fé d'isso) dos limites da placidez com que é preciso tractar estes assumptos; com tudo, mais um pouco adiante farei menção da doctrina da sexta, pertencente ás condições geraes.

Ha muito tempo sei eu que alguns notaveis estrangeiros conhecem menos Portugal do que os geographos principiantes o Imperio da China; que nunca abriram as nossas obras portuguezas, nem talvez intendam a nossa lingua; mas apesar d'isso julgam-se bastantemente instruidos para escreverem, (até mesmo em documentos officiaes) «*que não existem estradas em Portugal, que as manufacturas são mui grosseiras, que prevalece a indolencia e a immundicie; que n'este paiz não ha policia nem segurança para as vidas e propriedades*; que as leis *são barbaras; que a cidade de Braga é capital de Traz-os-Montes*; *Miranda* (com 300 habitantes) a do *Alem-Tejo; que a cidade da Madeira* (!!!) *é a capital da ilha do mesmo nome*; *e que Lisboa tem uma população de* 250,3000 *habitantes comprehendendo os negros e mulatos e diversas outras raças.* (Veja-se o decimo quarto relatorio sobre pautas e regulamentos commerciaes, publicado em Londres a 15 de abril d'este anno de 1844, por John Mac-Gregor, Secretario da Junta do Commercio).

Ora quando isto acontece entre nações ligadas por vinculos commerciaes, e assim escreve um cavalheiro inglez, secretario da Junta de Commercio de Londres, não é muito que outro cavalheiro hispanhol nos repute barbaros, e desconheça inteiramente o que se tem escripto na Academia das Sciencias ácerca da navegação do Tejo até á villa do Tancos; as providencias que tomou a regencia do reino durante a ausencia do Sr. D. João VI, para o tornar navegavel desde Abrantes até Villa-Velha, como effectivamente se tornou e navegou até o anno de 1820; que a lei de 26 de julho de 1826 destinou cincoenta contos de réis annualmente para melhoramento dos rios, os quaes póde o governo empregar onde julgar mais conveniente; e que nós temos ingenheiros e capitaes porguezes em muita abundancia para o fazer navegavel até á raia se isso nos convier; por conseguinte devemos rejeitar *in limine* propostas tão afrontosas como essas, que nos faz o Sr. D. Manuel Bermudez de Castro. Em prova de que temos abundancia de capitaes direi, — que a empreza da abertura da barra da Figueira (já quasi concluida) é de portuguezes, e que os mesmos empresarios d'esta obra vão tomar a do melhoramento da barra do Porto, empreza de tal magnitude que não é menos do que a da navegação do Tejo. — O Marquez do Fayal toma sobre si a abertura de um novo canal de navegação desde a embocadura da valla d'Azambuja até ás Omnias de Santarem, canal que segundo a planta que eu vi precisa de uma comporta (pelo menos) e de portas de mar nas Omnias, sendo assim o primeiro d'este genero que se faz n'estes reinos. Duas outras emprezas portuguezas tomaram as estradas do Minho e aquella que d'esta capital conduz a Coimbra.

Os contractos do estado, tabaco, sabão, e polvora subiram a um preço que nunca tiveram, apesar do encargo de um emprestimo de 10 milhões de crusados, e logo depois de serem arrematados formou-se em menos de 8 dias uma companhia de portuguezes, com o capital de vinte milhões de crusados para auxiliar o governo; o cambio da praça de Londres, sobre Lisboa, está ao par, mais favoravel do que nunca esteve; outro empresario portuguez pertende tambem tornar o Tejo navegavel; e, pelo menos, não nos vexa tanto como o cavalheiro hispanhol; é provavel que venha a ceder de algumas condições mui duras que propoz, e que o seu projecto se realise.

(1) Veja-se o mappa n.° 10 da Synopse dos principaes trabalhos administrativos da Camara Municipal de Lisboa do 1843, publicada n'este corrente anno de 1844.

Notarei agora, que este empresario (o Illm.° Sr. Aires de Sá Nogueira) se propõe a conduzir as mercadorias de peso á rasão de real e meio por arroba portugueza em cada legua, quando o cavalheiro hispanhol pertendia levar 5 réis, d'onde se seguia encarecer cada moio de trigo mais 3$696 réis, somente de Santarem para baixo; pois vindo de Abrantes custaria o seu carreto por agua 6$072 réis; porque um moio de trigo pesa cincoenta e duas arrobas hispanholas e oito decimos de arroba de 25 libras.

A proposito d'isto direi tambem que os srs. estrangeiros, certamente pensam que nós não temos pesos nem medidas legaes, e que por isso nos fazem grande obsequio em introdusir-nos as suas.

Já na empreza das estradas fizeram uma mistura bem desnecessaria de *metros* e de braças, como se nós não tivessemos uma legua terrestre de 18 ao gráu. Por esta razão, e porque tambem ha muitos portuguezes inclinados a introduzir-nos taes medidas, lembro-lhes que leiam essas arithmeticas portuguezas por onde os meninos da escóla aprendem a lêr, e lá acharão descriptas as medidas legaes; se forem estrangeiros, que não intendam a nossa lingua, podem lêr o Cambista Universal em inglez, ou a sua traducção franceza publicada em Pariz no anno de 1823.

Entretanto, como eu sou portuguez e préso muito as coisas nacionaes, assevero a todos esses que menospresam as nossas medidas, em como ellas tiveram a mais antiga e nobre origem que podiam ter, e que as lineares se teem conservado entre nós, desde que foram introduzidas pelas colonias gregas, quasi sem nenhuma alteração, d'onde resulta acharmos n'ellas relações finitas (em numeros inteiros) tanto com o metro dos francezes como com o antigo estadio alexandrino, e com o covado sagrado do Egypto: a despresada vara portugueza, a braça, e o palmo craveiro não teem culpa em que modernamente viesse um allemão mercenario estropeal-as; mas a sua verdadeira extensão conserva-se descripta em muitas obras antigas e modernas, e de tal modo está identificada com as nossas artes e officios, que ninguem será capaz de nos introduzir medidas estrangeiras.

Menos honra merece a medida itineraria da legua, introduzida aqui pelos godos, como denuncia o seu nome — legua — pouco diverso de *leuca*, que era godo; mas assim mesmo é tão boa como a das outras nações, e facil de reduzir ás estrangeiras, quando é preciso; porque 18 fazem um gráu geographico. Quanto ao pêso arratel e seus multiplos e sub-multiplos é força confessar, que tão bem nos podemos governar com elle como os hispanhoes com o seu marco e os inglezes com a sua libra: melhor fôra que se fizesse um bom systema de pesos e medidas todo portuguez, inteiramente portuguez; mas emquanto se não faz guardem os sr.s estrangeiros para si as suas medidas; pois nós muito bem as conhecemos, e não precisamos nada d'ellas.

Mais duas palavras sobre o Téjo.

Tornar este rio navegavel até á ponte d'Alcantara na ráia de Hispanha, não é coisa tão difficil como parece á primeira vista; porque desde Lisboa até Villa-Nova da Rainha navegam os barcos de vapor todos os dias, e não se percisa de nenhumas obras hydraulicas, a não ser o rebaixar alguns palmos a superficie do baixo de Povos, onde em marés vasantes do estio já teem tocado as quilhas dos mesmos barcos. A vala da Azambuja, que vae ser convertida n'um bom canal facilita a navegação até Santarem; d'ahi para cima até Villa Velha e ponte d'Alcantara, todas as obras precisas á navegação consistem em desfazer os açudes e pesqueiros, em alimpar os canaes e valas lateraes, que foram abertas por ordem dos governadores do reino antes de 1820, para mitigar as correntes de muita velocidade, a que chamam — rapidos — e a fazer caminhos de sirga: não são percisas as comportas em parte nenhuma, e por meio de uma draga aplicada em varias partes se conseguirá, com muita facilidade e pouca despeza, um fundo suficiente para barcos chatos construidos de folha de ferro, e movidos por vapor, que podem dar reboque a outros barcos da mesma natureza, carregados de generos do paiz, e de toda a casta de mercadorias que possam ser importadas na Hispanha.

Para estas pequenas obras acima dictas tem o governo sufficientes meios; póde mandal-as fazer quando o julgar conveniente, sem que tenhamos a menor precisão de nos metter com empresarios, nem de lhe conceder privilegios por 30 annos, que são pesadissimas contribuições, mais nocivas do que as ordinarias; porque tolhem a industria e o trabalho de milhares de homens, que se empregam na navegação e no carreto dos generos de consumo e de exportação. Se eu governasse, nenhum privilegio concederia mais do que o exclusivo de vinte annos á companhia, que fizesse a navegação em barcos de vapor dos acima dictos — construidos de ferro e chatos, para não demandarem mais de 12 até 18 polegadas de agua; deixando porém a mesma navegação franca e livre a todos os mais barcos de véla e de remo construidos de madeira. As vantagens que os primeiros dictos alcançariam sobre os segundos daria por certo uma recompensa e lucro bem grande; e não faltará quem pertenda um tal exclusivo, logo que se façam as pequenas obras hydraulicas já mencionadas.

Mas se é tão facil tornar o Tejo navegavel dentro do nosso territorio, não penso que seja o mesmo na Hispanha. Recordo-me de ter visto o diario e plantas que levantaram os ingenheiros hispanhoes, que trouxeram desde Araujuez um barquinho denominado — *Antoneli* — o qual ahi esteve fundeado com a bandeira da sua nação. Aconteceu isto durante o governo da usurpação: eu estava homisiado; mas por intervenção de um bom amigo pude obter do consul hispanhol as dictas plantas, e o diario d'onde colhi o seguinte. — O 1.° obstaculo á navegação dentro de Hispanha é um açude dos conegos de Toledo, d'onde o rio se precepita com uma quéda de dezeseis pés de altura; se acaso se abrir será necessario substituil-o por uma comporta mui dispendiosa. — Despresando outros obstaculos de menor monta, vae-se depois encontrar a ferradura de Toledo, que é um terreno com esta configuração em volta do qual o Tejo corre encaixado entre penedos e rochas, que se tocam as de uma com as de outra margem, de maneira que o barquinho *Antoneli* não pôde passar, foi tirado, e posto em cima d'um carro, e assim navegou por terra: já n'este tempo se tinha despedaçado outro barquinho companheiro d'este, com os quaes sairam de Araujuez, ou das proximidades os dois ingenheiros a que me refiro. Por conseguinte é preciso cortar o supra-

dicto terreno na parte mais estreita, e dar ao rio um novo leito. Desde a ferradura de Toledo até o canal de Aranjuez encontram-se mil obstaculos, como são varias quédas d'agua mais ou menos altas, muitas pedras que é necessario quebrar e remover; muitos baixos aonde é indispensavel ajunctar as aguas da corrente e rebaixar o leito, etc., etc. Por fim de tudo é preciso aperfeiçoar o canal de Aranjuez, e metter-lhe mais aguas procurando-as nas serras de Guadarrama, e Sumsserra, condusindo-as aos rios e regatos que d'ellas baixam, e encanal-as por estes até entrarem no sobredicto canal. — Estas obras são possiveis, mas não se fazem sem gastar muito dinheiro; como porém ellas sejam de muito interesse; porque navegando-se o Tejo poderá ser cultivada tanta extensão de terreno inculto, que talvez seja egual á área de toda a provincia do Além-Tejo, muito lucrarão com isso os nossos visinhos. — Além d'isto elles teem nas proximidades do rio, e nas de alguns regatos confluentes minas de carvão de pedra de muito boa qualidade para usos domesticos, cujas bancadas se acham descobertas e fóra da terra, á maneira de pedreiras, d'onde podem tirar grandes riquezas. — Attentas pois todas estas razões, parece que o Sr. D. Manuel Bermudez de Castro devia principiar por lá, e quando os seus barcos navegarem com facilidade até á raia, então é que póde ter logar o propôr-nos alguma empresa, se nós formos descuidados em tornar navegavel a parte do Tejo que nos pertence.

Lisboa 25 de octubro de 1844.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O DECRETO DE 18 DE SEPTEMBRO ACERCA DA SAUDE PUBLICA.

(Vem de pag. 148.)

3564 JUSTAMENTE apreciada a sciencia da medicina, pesadas as vantagens que d'ella deve tirar a organisação social, vejamos se o decreto entrou bem no pensamento elevado, que pertendeu dirigir.

Compoz o conselho superior de saude de tres medicos, e dois cirurgiões effectivos; tres outros medicos adjunctos, e um cirurgião; nove membros e mais um pharmaceutico addido para as analyses chimicas, e mais trabalhos da sua profissão.

Achamos viciosa e desequilibrada esta organisação. Os membros do conselho são nove: — seis medicos e tres cirurgiões; o pharmaceutico não é membro do conselho: é chamado para executar, debaixo da direcção do conselho, os trabalhos da sua profissão, que forem necessarios: não concorre portanto com a sua cota scientifica para o todo. É esta organisação, que achamos viciosa.

Exercendo o boticario uma profissão scientifica, tem por consequencia a sua opinião; e ha-de emittil-a: aqui temos portanto um verdadeiro voto; voto que não se conta, nem somma com o dos outros, mas que ha-de ser attendido; mormente porque elle tem a pratica do seu ramo; a pratica, junta com a sciencia, é tudo n'estas materias, onde o peso, a balança, o cadinho, a retorta decidem a questão: o pharmaceutico tem pois verdadeiro voto, que lhe afiançam a sua profissão, e a necessidade, que d'elle ha no conselho. O decreto deve-lh'o dar expresso, e fazer d'este membro um dos vogaes do conselho; talvez até fosse mais racional chamar dois facultativos d'este ramo, porque um é pouco para os trabalhos: mui simples serão elles quando um individuo os podér executar: assim ficaria a classe mais bem representada n'um tribunal; que tem de julgar os individuos da classe por todo o reino; e que tem de fiscalisar o exercicio da sua profissão.

Em quasi todos os paragraphos do artigo 9.° encontramos attribuições, em que a opinião do pharmaceutico deve ser interrogada: ora um individuo é muito pouco para fazer opinião; dois pelo menos deviam entrar d'esta composição; porque ainda que este numero não faça grande differença do outro, comtudo dois homens, com as habilitações competentes a sustentarem concordes uma opinião, teem um força moral muito maior do que o dobro physico de um. Não achamos inconveniente algum em se dar este voto, que pedimos ao pharmaceutico. — Entre as questões, que o conselho tem de discutir, muitas ha, que não sendo especialidades das sciencias, as administrativas economicas, por exemplo, as de infracção das leis sanitarias e outras, podem ser avaliadas por qualquer homem de senso commum; ¿e o boticario, que além do senso commum, sabe melhor que ninguem todas as muitas coisas, de que se compõe o seu interessante ministerio, ha-de ser mudo, nullo e como não existente?

Emfim o decreto ha-de reformar-se n'esta parte: assim o pede a representação dos ramos da arte de curar: e assim o exige a dignidade do mesmo conselho: porquanto se póde inferir que o pharmaceutico é só chamado, porque os vogaes não são capazes de fazer uma analyse chimica. Esta idéa é humiliativa; não podia entrar na mente do legislador: assim o quer a conveniencia; não se deve depreciar na opinião do publico uma occupação scientifica; este desconcerto desvantajoso para os da classe, tambem o é para o publico: influe na sua opinião, e se não influe, isto é se a classe continua merecer a aceitação, que lhe é devida, então deprecia-se o legislador; e entibia-se o effeito moral da lei; não sei qual é peior. Já n'um processo de medicina legal foi chamado um cabelleireiro para dar a sua opinião: *Orfila* não se pejou de o ouvir; ¿o cabelleireiro teve, ou não voto? ¿porque não ha-de tel-o o boticario, homem de habilitações scientificas? ¿não poderá elle, segundo o §. 1.° do artigo 12, fazer tambem subir ao governo o seu voto em separado, quando intender, que lhe resultaria lezão da decisão do conselho? ¿ha-de elle exprimil-a extra-official n'um requerimento á parte? ¿que significam pois exames, cursos, habilitações, e cartas?

Ainda poderiamos reforçar nossos argumentos: mas basta: presamos muito a profissão que exercemos; a pharmacia é um ramo d'ella, não podemos intender que ella seja menoscabada; não o merece; o que pedimos é de consciencia: desejamos um justo equilibrio util, necessario, moral. O pharmaceutico fiscalisa em parte o exercicio da medicina — porque ha-de registar as receitas dos facultativos; *scripta manent.*

* *

GOMMA ELASTICA.

3566 NÃO podemos resistir á tentação de colher do *Periodico dos Pobres no Porto* a seguinte noticia

historica, a respeito da gomma elastica, borracha, ou, como lhe hoje chamam, *caoutchouc*, por ser justa reivindicação de credito nacional; que, á falta de zelador, lá se andava perdido por mãos estrangeiras.

«Li ha tempos, foi em 26 de agosto, no Diario do Governo um artigo a respeito do proveito que a industria tem tirado do *caoutchouc*, ou gomma elastica do Pará, onde se diz que esta substancia era ainda ha dois dias coisa inutil, e apenas prestavel para limpar o lapis do papel. Admira-se o auctor do artigo de que os inglezes a appliquem para o fôrro dos navios de guerra, e façam d'ella outro uso. Isto não é assim; o auctor do artigo está enganado, e parece não conhecer a historia da industria, e inventos do seu paiz. Já em Portugal se fizeram experiencias na applicação da gomma elastica no fôrro dos navios, o invento é pois portuguez; e não estrangeiro. A França propoz um premio para quem inventasse o modo de preparar os forros dos navios com coiro ou com sola. Esta proposta da França, se me não falha a memoria, foi em 1789. Em Portugal trabalhou-se n'isso, e uma memoria se offereceu n'aquelle anno ao principe regente por José Joaquim Soares de Barros, com o titulo — *Nova materia para os forros dos navios: suas grandes vantagens sobre o cobre, e outras mui ponderaveis, que ella póde dar ao nosso commercio nacional.*»

«A nova materia era a gomma elastica do Pará. Experiencias se fizeram por ordem do governo na capitania do Grão Pará, com a referida materia, que corresponderam ás esperanças. D. Francisco de Sousa Coutinho mandou forrar um barco de gomma elastica, e bater com elle em um rochedo, indo á véla com vento fresco. A mastreação e apparelho padeceram, mas não o casco do barco, que nem se quer fez agua.»

«Se o nosso Portugal não tirou como podia toda a vantagem d'este seu invento, deve attribuir-se isso ao tempo e ao desleixo de quem então nos governava, e não ao genio dos nossos compatriotas. A applicação da gomma elastica aos forros dos navios é portugueza e não ingleza.»

O REI DOS FLORISTAS.

(Carta.)

3566 Por mais de uma vez, se bem me lembro, já eu escrevi a V. a respeito do insigne artista portuguez o *Rei dos Floristas*, que em *Paris* tantos creditos tem adquirido; agora vendo na *Revista Universal Lisbonense* n.° 12, aquellas palavras que o Sr. Silva Leal lhe enviou, copiadas de um jornal parisiense, não posso recusar-me ao desejo de enviar-lhe a cópia de parte de uma carta do mesmo artista, que ha tempos recebi, datada de 14 de agosto ultimo; e é como segue — «Por esta occasião julgo dever communicar-lhe, visto o interesse que a Senhora toma pelo nome portuguez, que as minhas flores tiveram o maior successo possivel na exposição dos productos industriaes d'esta nação: que a opinião publica me fez o maior favor possivel, e que a familia real e os ministros se dignaram honrar-me, da maneira mais lisongeira para um artista, concedendo-me a medalha de honra e distincção, e prodigalisando-me todos um interesse e uma approvação geral.»

Não copio a carta toda porque é grande, e o tempo não me sobra; mas poderei ainda ter occasião de mostrar-lh'a, etc.

Porto 18 de outubro de 1844.

De V. etc.

Maria Miquelina Pereira Pinto.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FUNDAÇÃO DE S. THOMÉ E PRINCIPE EM BISPADO.

3 DE NOVEMBRO DE 1534.

3567 DESCANÇAVAM os portuguezes das suas fadigosas conquistas, que levavam os olhos e as invejas a todas as nações. Haviam por ultimo reduzido ao seu dominio as ilhas de S. *Thomé e Principe*; só faltava estabelecer alli a ordem e espalhar a munificencia do Sr. rei D. Manuel, *o feliz*, que tão prosperamente reinava n'aquelle tempo. A religião, como base principal do bom governo, era uma das primeiras necessidades d'aquelle dilatado senhorio; não foi esquecida. No dia 3 de novembro de 1534, por bulla de S. Santidade Paulo III, se confirmou o bispado das supracitadas ilhas, suffraganeo do de Lisboa: vinte e tres sucessores seguiram a confirmação do primeiro; mas no lethargo, em que haviam caido as nossas possessões ultramarinas, se perdeu a regalia de tão magnifico bispado, com a morte do vigessimo quarto, em 1800. Ao presente só remanecem lá, no logar do pastor espiritual dos povos, um baculo, uma cruz rica e duas massas, tudo aferrolhado e esquecido, ou antes bem lembrado e com bem saudades, ha longos annos.

Ao bom governo, que administra a sorte dos portuguezes, cabe restaurar uma perda, de que tantas necessidades e ruinas se originam: n'elle fiamos que reflorirão outra vez essas boas terras, mercadas para Deus, para o rei e para o reino pelo sangue de nossos avós.

Miguel Ferreira Pimentel Franco.

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMINISCENCIAS.

VIII.

O CAIRO.

» Aux singularités de sa population ajoutez la physionomie tout particulière que donnent au Caire ses maisons à terrasse, ses ruines qui serpentent, les innombrables minarets qui la surmontent; — et vous vous représenterez une ville comme il n'en existe nulle part ailleurs, — une cité toute empreinte du génie arabe, — *une vraie ville des mille et une nuits.* «

(Clot-Bey.)

3568 MAL se abriram as portas de *Boulaq* (ao bater das seis horas) foi-se a terra um italiano, que levavamos de cosinheiro, guia, e interprete, o qual tornou presto com a permissão do desembarque. E cavalgámos logo em jumentos, de que o paiz abunda, e aos quaes a maior parte dos viajantes dedicam algumas linhas, louvando a sua viveza, e *intelligencia* e asseverando até um d'elles, *que andam com digni-*

dade! — A verdade é que são corpulentos, vigorosos, e ligeiros.

Em vinte minutos, pouco mais ou menos, caminhando ao longo d'uma larga estrada, que póde rivalisar com as melhores da Europa, attravessámos a planicie, que separa *Boulaq* do *Grão-Cairo*, cujo aspecto, todo cheio de grandesa e magestade, não desmente a denominação de — *Babilonia do Egipto* — que muitos ainda dão a esta cidade *sui generis*, confundindo-a com outra, que existiu no logar, que hoje occupa em parte o *Velho-Cairo*, o qual é um arrabalde que lhe serve de porto para a navegação meridional do Nilo, assim como o de *Boulaq* para a do norte. — A vetusta Capital dos Pharaós (*Babilonia*) foi destruida por *Amrou*, chefe mahometano, de quem já fallámos no artigo de *Alexandria*; — o *Velho-Cairo*, fundado por este guerreiro, em derredor da sua tenda, abrangeu parte das ruinas de *Babilonia* e veio a ser queimado por um *Rostopschine* d'essa edade, cujo nome ignorámos, quando viu aproximarem-se de seus muros, no anno de 1167, os crusados victoriosos sob o commando de Americo, ou Almerico, rei de Jerusalem; — e o *Grão-Cairo*, que já era desde os fins do seculo X uma povoação de alguma importancia, ficou substituindo a metropole queimada, e deve o seu engrandecimento, as suas fortificações, aqueductos, e outras obras, tanto de utilidade, como de embellesamento, ao famoso *Saladino*, tão fatal ás armas christãs.

Além de muitas fabricas de pannos, estabelecidas por *Mehemet-Ali* em *Boulaq* ha ahi uma imprensa, d'onde teem saído muitas obras em lingua arabica persica, e turquesca, tanto de sciencias, como de litteratura; — uma fundição; — grande numero de estalleiros; — e uma Escóla Polytechnica. — Nas fabricas, o vapor é o agente principal; mas ainda empregam cérca de mil pessoas; — a imprensa sustenta 55 operarios; e a execução material das obras, a julgal-as por uma que nos foi apresentada no *Cairo*, bem mostra que foi seu primeiro director um francez, cujas licções *se* não perderam. — Tem *Boulaq*, vinte mil visinhos, pouco mais ou menos.

Descançámos no *hotel* duas horas, em que almoçámos, e tornando a cavalgar, nos encaminhámos para a cidadella, ou castello, construido sobre um contraforte do *Moquattam*, cadeia bem conhecida, impendente ao *Cairo*, que vae fenecer no Mar-Rôxo. — De tarde era força seguir viagem; e por isso nos expuzemos ao sol do *Egipto* em manhã descoberta, afim de não deixarmos de ver, ao menos, o novo palacio, e jardins do vice-rei na cidadella, — para o que se tinha alcançado licença, — assim como algumas das principaes mesquitas, bazares, e mais algum ponto digno da curiosidade de um viajante, a que o tempo desse logar.

As longas ruas do *Cairo*, além de estreitas, são tortuosas e terreas, e algumas cobertas por cima com esteiras, que védam a passagem aos raios do sol. — As casas, cujo numero elevam acima de trinta mil, são as mais d'ellas de tristissima apparencia, e mais parecem carceres do que habitações. Teem, de ordinario, dois a tres andares, com largos balcões, dos quaes se póde dar a mão de uma para outra parte, e com eirados emvez de telhados. Nas casas ricas todo o luxo é interior: — sobre o grande pateo vereis frontarias, e peristillos architectónicos que sustentam salas doiradas, para as quaes dão accesso escadas elegantes, e marmoreas, — pavimentos de mosaico, — no centro um lago com repuxos, que brandamente se desfiam, — e á roda jardins e *kiosques*. E para a banda da rua — um frontispicio informe e pardacento, com balcões grosseiros, e janellas furtivas, entrando-se para esses Edens encantados por uma pequena, e tosca porta, que mal se divisa. — Singular extranheza nos fez tão desusada construcção, que aliás nos quiseram explicar pelo temor que os naturaes teem de que as auctoridades orcem os haveres de cada um, e graduem as extorsões pela grandesa e opulencia das suas poisadas que por isso escondem, mas inutilmente. Lá as casas não são, *ao menos em theoria*, asylos inviolaveis. — Digamos antes, que a reclusão das mulheres e o apartamento, em que os homens vivem a vida domestica, são a origem d'este uso, que é commum aos povos do *Hindoustão* d'onde o houveram provavelmente os habitantes da peninsula arabica, que o transmittiram aos egipcios, ou *vice-versa*.

De sobre as muralhas do castello é deliciosa a vista, que se logra, em todas as direcções: — aos pés a grande cidade, cortada por centenares de ruas, e travessas, com suas innumeraveis torres, zimborios, e minaretes: — além o Nilo pejado de infinitas vélas que se curvam serpeando placidamente em sua superficie, e deslisando-se atravez das campinas areentas, que elle acaba de fecundar; — de um lado o scintillante deserto de *Gizeh* com as piramides que o assoberbam; — do outro lado outro deserto, e as montanhas escalvadas que o costéam. « *A quatro leguas d'aquelles monumentos eternaes julgareis tocar-lhes*, » diz Chateaubriand; fallando do alto da cidadella e alludindo ás piramides: mas, — perdoe-nos o inimitavel escriptor, — ha demasiada exageração n'esta ph ase, que por isso não é poetica, nem bella: — *rien n'est beau que le vrai*. — Quanto a nós, o que é certo é que de novo se nos affiguraram menos collossaes do que as imagináramos. — Deixae andar perto de quatro annos, vividos para mais de mil leguas além das piramides, então nos será dado tocar com as mãos móles prodigiosas, que d'esta vez só vimos com os olhos, como o illustre auctor do itinerario (1) — Então, e só então, poderemos avaliar o desmesurado das suas proporções.

Estava em obra o novo palacio do pachá, no plano superior da cidadella; a fabrica é grande, mas simples; a camara de dormir de Mehemet-Ali, pobre até de algumas commodidades, que os orientaes não dispensam. Perto se erigia uma nova mesquita, levantada sobre as ruinas do *divan*, ou salão do palacio de *Saladino*, e ornada com as magnificas columnas de granito vermelho, que outrora o decoraram. Quasi todos os antigos sultões do Egipto fundaram mesquitas, a que associaram os seus nomes, para deixarem á posteridade um testimunho authentico, e perduravel da sua piedade e religião. — O vice-rei actual seguiu-lhes o exemplo, não só para demonstrar o seu respeito á memoria de seus predecessores, senão

(1) « Il fallut donc me résoudre á ma destinée, et me contenter d'avoir vu de mes yeux les Pyramides, sans les avoir touchées de mes mains. » (Chateaubriand.)

para desmentir solemnemente os que o suspeitavam descaido da fé *dos verdadeiros crentes!*

O poço de José, que alguns teem pensado ser obra do filho de Jacob, é uma das curiosidades da cidadella. — A sua profundidade é de 42 braças, até ao nivel do Nilo — aberto em rocha, dividido em duas partes — de fórma quadrada, sendo o lado de cada face de braça e meia. — Se em caso de sitio o inimigo cortasse o aqueducto, que leva a agua do rio para a cidadella, o poço a ministraria. — O *Saladino* appellidava-se *Ioussouf* ou *José*, e d'aqui veio a denominação biblica do poço, que é hoje o unico monumento, que recorda na cidadella o nome illustre do seu fundador.

Mehemet-Ali andára de certo muito melhor em conservar os restos d'aquelle salão monumental, onde tantas vezes se ouviu uma voz generosa mas terrivel, que fazia tremer o mundo catholico, do que em os abafar debaixo dos alicerces de um templo, que só ficará significando um desacato, e talvez uma hypocrisia.

A explosão de um paiol, em 1824, deitou por terra quasi todos os edificios da cidadella, que já se acham restaurados, taes como a casa da moeda, e da imprensa, a fundição, e as officinas onde se fabricam todos os objectos de armamento e equipamento para infanteria e cavallaria.

Descemos da cidadella, depois de ter visto o apertado logar da barbara execução dos mamelukos em 1811, pela volta do meio dia, e nos dirigimos á mesquita do sultão *Hassan*, fundada no anno de 1354, por ser a mais proxima, e uma das mais nomeadas do Cairo, cujo numero affirmam ser de quatrocentas, algumas das quaes estão arruinadas. — E d'esta passámos á de *El-Ashar*, ou das flôres, que é tão antiga como a cidade, e a mais affamada de todas, por ser a *Sorbonna* do Egipto, como lhe chama um viajante francez. Antigamente alojava e sustentava doze mil alumnos, que vinham de todas as partes do Oriente, estudar medicina, astronomia, direito e theologia, e ainda hoje, com quanto o governo tenha procurado, por meios indirectos, arrancar o ensino publico das mãos dos padres, fazendo valer a superioridade de novas escólas, segundo o systema europeu, ainda assim é consideravel o numero de mancebos do Egipto, da Nubia e da Siria que ahi são mantidos e doctrinados. — Em geral não ha mesquita nenhuma no Cairo, cujo fundador a tenha dotado com alguma renda certa, que não sustente um estabelecimento de hospitalidade e beneficencia, ou um collegio de instrucção civil e religiosa, em que pelo menos, se formem os *Cadys* e *Naibes* para a magistratura, e os *Imans* e *Muezzins* para o culto. — Cada mesquita é um seminario, um hospital, ou um asylo.

O atrevido alçado das cúpulas, a elegancia dos minaretes (1), o luxo dos mosaicos e embutidos, a delicadeza dos arabescos, e mil outras lindezas, que um artista apreciára e só elle descrevêra com primor correspondente, distinguem aquellas duas mesquitas como modelos graciosos de architectura arabe. — A mesquita de *Hassan* é particularmente considerada como o templo do Islamismo, em que o genio arabe desinvolveu todo o seu enthusiasmo e fecundidade. — A Alhambra, de Hispanha, é coeva d'esta mesquita.

Os bazares se acham estabelecidos no centro da cidade, e nos disseram que passa de cincoenta o seu numero. — Sómente em um d'elles, o de *Ghoumeh*, onde se vendem chales e mantas de cachemira (vulgarmente de lã de camello) cassas, e fazendas brancas de toda a especie, é que nos demorámos algum tempo. — Para os outros apenas olhámos, incluindo o europeu, no *bairro franco*, unico em que *aos infieis* é permittida a residencia. Em todas as ruas do Cairo o transito é difficil para os estrangeiros inexpertos, principalmente nas immediações dos bazares, onde a gente de pé se condensa mais, entre cáfilas de camellos e dromedarios, cavallos e jumentos, que se cruzam d'oppostas partes. — Felizmente os burros estão adestrados em abrir caminho, e é coisa muito para ver como elles e os camellos cedem *urbanamente* o passo uns aos outros para se não embaraçarem. — Algumas lojas dos bazares são talhadas na parede, a meia altura, com porta que se disjunge de modo, que a parte superior fica servindo de taboleta, e a outra de balcão.

A cada passo se topam no Cairo uns edificios rasos, de fórma circular, fechados com portões de bronze, e ás vezes ornados de columnas de marmore e de inscripções. — São cisternas ou reservatorios publicos; a agua toma-se d'um tanque interior, atravez das grades do portão, por meio d'um pucaro de latão preso por uma corrente: cada um d'estes estabelecimentos tem um guarda, e a despeza corre por conta do governo, ou da mesquita mais proxima, segundo as condições da fundação. — Alguns particulares ricos fazem egual beneficio ao publico; e ha tambem grande numero de bebedoiros para o gado, em outros logares.

A população da capital do Egipto não é inferior a 300:000 almas, apezar dos estragos espantosos da peste, que frequentemente a cerceam. — A estreiteza das ruas, a falta de policia, e o fatalismo oriental, dão áquelle flagello mais duração e intensidade no Cairo, do que em outro qualquer ponto do Egipto.

A cidade divide-se em 53 bairros, fechados sobre si, e presididos por uma auctoridade de policia. Para se entrar depois da hora de recolher é mister ter sollicitado *a palavra da noite*, e repetil-a ao bater á porta, que para logo se abre, sem que o guarda faça mais indagação alguma. — Por falta de illuminação são obrigados todos os que transitam de noite a trazer lanternas, as quaes são commummente de papel, ou de lata e d'um feitio pouco vulgar. — O numero de luzes annuncia a condição de cada um. Contam-se no Cairo mais de duzentas e quarenta ruas, perto de trezentas travessas, e outros tantos becos; — as pra-

---

(1) Os arabes chamam aos minaretes ou alcorões (torres das suas mesquitas) — *dedos de Deus* — que apontam para o paraiso aos filhos de Mahomet; — e ás varandas, ou galerias exteriores, que os cingem em dois tres, e mais andares, — *anneis dos dedos de Deus*. — Os minaretes são sempre mui elevados, e de pequeno diametro, terminando em ponta á feição d'agulhas. Quanto mais altos, e mais agudos, tanto mais elegantes. — Como os mahometanos não usam de sinos, os *fieis* são chamados á oração das varandas dos minaretes pela voz do sacerdote — *muezzim*, — o qual entôa o cantico solemne — *ezam* — que fecha com estas palavras — «accorrei, *povos*, accorrei ao logar da justiça, da paz, e da *tranquillidade*; — accorrei ao asylo da salvação!» — O convite é universal; — a ninguem exceptua.

ças mencionaveis não passam de quatro, uma das quaes — *Esbekyeh* — é vasta, e adornada com ricos palacios do vice-rei, de seu filho Ibrahim-Bachá, e de varias personagens turcas. A rua, que vae ao longo da cidade, em todo o seu comprimento, tem d'extensão mais d'um quarto de legua. As portas do recinto velho, contando as que se acham arruinadas e abatidas, passam de setenta; duas d'ellas — a porta do soccorro, e a porta da victoria — offerecem um luxo d'architectura, que é raro em obras de tal natureza. — Os christãos dos diversos ritos teem trinta egrejas, ou capellas; — os judeus dez sinagogas. — E a toda a cidade dá *Clot-Bey*, a quem devemos estas indicações, vinte e cinco mil metros de circuito.

É tão grande o tráfego commercial do Cairo, que nos bairros, em que sohem alojar-se os negociantes da Siria, da Arabia, da Nubia, e até do interior do paiz, ha perto de trezentos *okels*, ou hospedarias; — e em toda a cidade mais de mil casas de caffé, e setenta de banhos. — Os caffés são lojas guarnecidas de bancos de pedra, e tapetadas com esteiras velhas, nas quaes se vende unicamente a bebida mimosa d'uma parte dos orientaes, que ahi deixam correr, engolfados em sua habitual indolencia, algumas horas do dia, saboreando-a, fumando, e dando orelhas aos *narradores*-mendicantes, que lhes contam longas fabulas, que elles teem ouvido cento e uma vez; — mas sempre com a mesma complacencia. — Os banhos são, pela maior parte, aceados e magnificos, com frontespicios similhantes aos das mesquitas. Uns são communs aos dois sexos, e estão de manhã francos para os homens, e de tarde para as mulheres; — outros exclusivamente destinados a um d'elles. — Um canal, do tempo d'*Amrou*, que parte do Nilo, e se abre com solemnidade no tempo da enchente, abastece todos estes estabelecimentos e casas particulares.

Recolhemos ao *hotel* depois das duas horas, mortos de cançasso, como se nos houvessemos perdido, sem fio, no meio d'um labirinto, — e antes das quatro nos puzemos a caminho para Suez, pelo deserto. — A vinda percorreremos os suburbios do Cairo, célebres por seus monumentos e tradições; — e daremos mais algumas noticias da cidade, da qual, d'esta vez, nos fez sair com tanta diligencia o dever, — não a vontade.

C. Lagrange.

(Continuar-se-ha.)

ADVERTENCIA.

Como apontamento para a historia, que, algum dia por ventura, se ha-de fazer dos erros e superstições populares, e para subsidio desde já a poetas, novelleiros e romanceiros, a quem nenhum costume da sua terra deve ser occulto, publicamos a seguinte carta, como já da mesma auctora publicámos outra acerca das abusões da gente de *Pampelido*, e como egualmente imprimiremos quantas outras noticias d'esta especie de interesse historico, se nos enviem de qualquer recanto das provincias.

SUPERSTIÇÕES.

(Carta.)

3569 Apesar de ser muito o que se diz da crendice e superstição dos póvos das aldêas tudo é pouco, ao menos a respeito das aldêas do meu conhecimento. Não ha doença ou desastre, que se não attribua a causa sobrenatural; e ainda quando buscam os remedios a seus males onde devem, não deixam de recorrer ás *mulheres intendidas* que ficam com as honras da cura quando o mal passa, mas não com o desar da derrota, se o mal prevalece. N'este ultimo caso, *foi muito grande o malefício*, ou *tarde foram á fonte limpa*. Vendo eu uma creança lésa d'uma perna tomar banhos, perguntei á mãe se lhe faziam bem, e me respondeu que ainda não. Outra mulher me disse baixo — «Ella não quer dizer a verdade com medo de que quem causou o mal empeça a cura; mas a Vmc. póde-se dizer que a creança vae a milhor.» — Uma rapariga que estivera muito mal me dizia ha poucos dias: — «A recaida foi peor que a maligna. Não me ficaram senão os ossos, e nem esses me ficariam, se meu pae não andasse tanto a tempo.» — Por onde? lhe perguntei eu. — «Por onde devia andar; em cata de remedio que me sarasse.» — «Mas, disse outra, que inimigos tens tu para que tanto mal te fizessem? — Foram amigos, disse ella piscando os olhos; amigos que me queriam como eu quero ao *peccado*.» — O peccado n'esta phrase queria dizer o diabo.

Tem o costume estas pobres gentes do campo de não declararem precisamente o que pensam em fallando de malefícios e coisas ruins. Custa a perceber o que elles teem na mente, e o mais das vezes não é possivel comprehendel-os, e nem sei se elles se comprehendem a si mesmos. Só de *olhaduras*, *dadas*, e almas do outro mundo os oiço fallar com mais desembaraço. Um velho me dizia uma occasião — «Eu vinha da feira; tinha comprado uns bois lindos; de repente dá-me uma dor que me custou a arrastar-me a casa, e os bois em entrando no curral, pegaram a bufar, sem quererem comer. Mandei-os logo defumar e defumei-me tambem, que bem sabia d'onde me vinha o mal. Uma creatura que me havia acompanhado á feira invejava a compra que eu fizera; e me lançou e mais aos bois uma olhadura que me tolheu.» — *Dadas* não crêem elles serem vistas do malevolos; mas de pessôas que teem, sem o quererem, o fatal dom de prejudicar aquelles que não trazem figas, ou *signos-salmões*, principalmente estando em jejum os que ficam com *as dadas*, e não tendo ainda visto ninguem aquelles que as dão.

Finalmente tal é o labirinto de coisas que o povo crê, que haveria de que compor um livro. E por mais que alguem se esforce de lhes tirar seus erros, nada consegue, e elles ficam dizendo com os seus botões — esta gente da cidade é toda pedreira livre. — Se alguns aldeãos ha que não teem todas as crendices, não ha um só que não tenha algumas. Um dizia ha poucos tempos, — «Não, eu não creio em almas do outro mundo, nem em coisas ruins; em bruxas sim, que muitas vezes as tenho visto.»

Mas deixem-se essas gentes simplices com as suas idéas, que me parece impossivel o remedio á sua loucura, e trabalhe (quem souber e poder) por extinguir os restos do mesmo mal que ainda se agacham pelas cidades, e entre pessoas que nada teem de estupidas. Entre as senhoras deveria eu dizer; que não sei que haja homens crendeiros: se os ha, calam-se com a sua vergonha. Fallei certa occasião com uma senhora, que sendo muito amavel, espirituosa, e

bem educada, é comtudo muito supersticiosa, apesar de todo o trabalho que o marido toma para a dessempoeirar: ella me disse que não queria pombas em casa, porque eram penas; que na casa de seu pae depois que se mataram pombas houvera muito que sentir. Passados tempos conversando eu com outra senhora instruida e muito judiciosa, e que altamente condemnava comigo as superstições, eu lhe contei o que me havia succedido com a primeira: e ella me disse mudando de tom: — «a esse respeito tambem eu sou supersticiosa: em casa minha não deixo matar pombas.» — ¿Póde V. fazer idéa do meu espanto? Mas não parou aqui. Tempos depois contei tudo isto a uma senhora que vi tinha pombas em casa, sem o que tal não faria, apesar de a suppor muito rasoavel, e ella depois de se rir muito me disse. — «Essa superstição não tenho eu; ¿mas sabe uma cousa em que não posso vencer-me? Se vejo uma borboleta ou bôa-nova branca fico alegre todo o dia; se escura, fico triste. E tenho notado que é presagio que nunca me erra: hontem vi logo de manhã uma mariposa preta, e depois de jantar recebeu meu marido uma carta de enterro.» — Depois d'isto nunca mais me arrisquei a fallar em superstições a senhoras.

O desenfado, me levou a escrever esta eterna carta a V. que provavelmente não estará desenfadado para poder aturar-me; se assim fôr, póde aqui rasgar a carta que já lhe asseguro nada tenho hoje do meu retiro que noticiar-lhe; etc.

De V. etc.

Porto 10 de outubro de 1844.

Uma Obscura Portuense.

NOTICIAS.

FATALISSIMO DELIRIO.

3570 Escrevem de S. *Christovam* de *Lourêdo*, aos *P. do Porto*, em 13 do corrente o seguinte. — Hontem pouco depois do meio dia, uma Francisca de 18 a 20 annos de edade, casada, tendo com seu marido uma pequena indisposição, que não passou de palavras; pois ella estava gravemente doente, correu a uma botica, distante quarenta passos, e obteve do praticante, na ausencia do boticario, uma dóse de arsenico, que tomou depois em casa, bebendo-lhe em cima agua. O praticante chamou logo o boticario: deu-lhe parte, tomaram-se as mais efficazes providencias medicas; mas em vão; ella expirou antes da noite. O parocho Frei *Joaquim da Assumpção*, da extincta ordem dos Capuchos de S. Lazaro, quiz ministrar-lhe os ultimos soccorros da religião, e ella não quiz confessar-se. Ás 10 horas do dia seguinte foi enterrada na egreja de *Lourêdo* concelho de *Paredes*, districto do *Porto*. Andava pejada de 6 mezes, e no acto do envenenamento quiz dar de mamar a uma filha, que tinha de 7 mezes, com o intento de a matar.

TRAFEGO DA CAIXA ECONOMICA CENTRAL.

Na semana de 20 a 26 do corrente.

3571 Operarios 14, criados 2, profissões liberaes 3, classe de commercio 9, empregados civis 2, exercito e armada 3, ecclesiasticos 3, menores 9, diversos 2, somma total 44; homens 38; mulheres 6; dos quaes 18 novos. Recebeu réis 2:911$400. Restituiu réis 298$600. Pagou de juros 1$581 réis.

SACRILEGIO.

3572 A 19 de outubro pela meia noite entraram ladrões na egreja de S. *João da Foz*, abrindo as portas com chaves, e roubaram, além de outras alfaias, o vaso das sagradas Formulas.

BOM JESUS DE BRAGA.

3573 *Memorias do Bom Jesus do Monte, em Braga.* — Este opusculo acha-se no prélo, e muito proximo a sair luz, segundo o programma por vezes publicado.

Continuam a receber-se assignaturas nas seguintes lojas até ao fim de novembro. Lisboa, rua Augusta n.° 1. Porto, nas de Cruz Coutinho, Novaes, e Moré. Coimbra, em todas as de livros. Braga, na de Luiz do Amaral Ferreira. Preço da subscripção — 720 — e de venda — 1:200. —

NAUFRAGIO.

3574 Lê-se nos *P. do Porto*: —

A forte tempestade que dominou a 11 do corrente esta cidade fez que se perdessem dois hiates portuguezes, um de sal outro em lastro. As tripulações porém salvaram-se.

Em *Espinho* naufragou a escuna prussiana *Olsee*, vinda de Lisboa em lastro.

PRECAUÇÃO CONTRA INCENDIOS.

3575 Ha pouco um fogo, no alto do *Longo*, em uma chamada fabrica de phosphoros; passadas apenas semanas, outro, na rua proxima e do mesmo nome, em casa de uma fogueteira; que supposto alli se não fabriquem agora os foguetes, é voz constante que conserva a polvora. Sabbado 28 de septembro ultimo, foi pelos ares, com formidavel estampido, a parte superior de uma barraca, pouco antes de chegar á *Cruz dos Almas*, e logo depois houve outro fogo na rua da *Bica*. O primeiro era na casa onde se fabricam os foguetes e mais misteres do mesmo genero, pertencente á fogueteira da rua do *Longo*, aonde poucas semanas antes houve o incendio de que fallei; e o estampido foi motivado não só pela explosão das barricas da polvora, mas tambem pela depressão das peças já preparadas. A visinhança padeceu com o susto; um criado foi para o hospital, em maca, e outro homem vi eu, com os braços e mãos em miseravel estado. ¿Porque se não providenceia a este respeito? — Não sei.

H. J. de S. T.

O MONDEGO NO TEJO.

3576 Segunda-feira, 28, pelas tres horas da tarde, estando o tempo formoso e o arsenal da marinha em grande pompa, achando-se presentes SS. MM., e AA., muitas pessoas da côrte, numero crescidissimo de senhoras, cavalheiros, e povo, saiu do estaleiro, ao som de bandas de musica, palmas e vivas, o bergantim *Mondego*, começado a construir haverá seis annos. — Estreou-se nas aguas com tanta ufania, que vingou com o seu primeiro correr até quasi á opposta margem; mas, se fôramos supersticiosos como os antigos romanos, teria de perecer logo queimado, porque ao descer do berço esmagou um homem, deixando, no meio das alegrias geraes, uma viuva, e orphãos ao desamparo. Para lhe converter em boa a má

estrêa, deveriam estes orphãos e esta viuva encontrar na mão da patria, por esmola, uma fatia de pão.

DE CIMA DA CABEÇA DESCEM OS TRABALHOS.

3577 A PALAVRA circumspecção, que designa uma virtude geralmente recommendada, ainda que pouco geralmente seguida, significa pela sua etymologia, segundo todos sabem, a attenção com que se olha para tudo quanto nos fica em derredor. Os nossos velhos fazedores de proverbios viram porém, que não bastava olhar para o que em derredor nos ficava, porque lá dizia *Horacio* que, ás vezes, quem andava aos melros caía n'uma cova por não ter reparado para o chão; e crearam o proloquio preventivo *debaixo dos pés se levantam os trabalhos.* Hoje os progressos da industria trouxeram á necessidade de novo proloquio admonitorio, e é esse o que nós pozemos por titulo a esta noticia.

Já não é pelas portas e pelas janellas que os ladrões procuram insinuar-se nas casas, senão pelos telhados. No artigo 3522 vimos um exemplo d'isso, vemos hoje outro na casa da Sr.ª D. *Gertrudes Maria Angelica* no logar de *Bemfica*: foi na noite de sabbado para domingo, 20: já havia telhas removidas, ripas cortadas e continuava a obra quando foram sentidos, denunciados por gritos de soccorro, e postos em fuga. Parece-nos que sendo os telhados, pelo commum, tão remotos dos quartos de dormir, e tão faceis de arrombar com pequeno estrondo, a prudencia requeria que tractassemos de tornar um pouco menos violavel, por essa parte, a inviolabilidade do nosso asylo de cidadão, e que para isso bastaria, substituir aos actuaes telhados dispendiosos, pesados, quebradiços e inuteis para as commodidades ou recreações de toda a especie de fólego vivo, afóra os gatos, os eirados de asphalto mais economicos, mais fortes, mais leves, e que duplicariam a alegria e saude das familias e a formosura da cidade, cobrindo-a de repente de jardins; toda a população dormiria mais segura debaixo de uma coberta de flores. A este respeito não cessaremos de pedir á Exm.ª Camara Municipal que se digne considerar o que jámais estendidamente ponderámos no artigo 656.

O MODO MAIS HONESTO DE TOMAR BANHOS.

(*Carta.*)

3578 Como raro é o acontecimento interessante ou curioso, de que V. não tenha e não dê noticia a seus leitores, tenho sempre estado á espera de o vêr relatar, um, que eu presenceei, e que, por saber quão pouco val a minha penna, só agora, vendo que ninguem lh'o participou, me decidi a escrever-lhe.

Estava eu no Terreiro do Paço, haverá tres semanas e comigo no caes muitas outras pessoas, masculinas e femininas, umas á espera dos vapores, outras dos escaleres das barcas dos banhos, outras de botes de banhos avulsos, etc., etc., quando se levantou um grande reboliço e clamor geral. N'um bote, que vinha do lado do caes do Sodré e vogava a uns cincoenta passos, iam uma dama bem vestida e dois cavalheiros: a dama levanta-se, e atira comsigo ao mar mesmo vestida e de chapelinho. Um dos cavalheiros precepita-se tambem vestido para a apanhar: ambos vão descendo na corrente, mas separados: o outro, com mostras da maior afflicção, arremessa-se tambem apóz elles; os remeiros gritam; da pobre suicida já se não vê mais que o chapelinho de palha, que ora apparece, ora desapparece.

Os botes correm alvoroçados; dos navios lançam-se escaleres ao mar com clamor; as *bichas* da alfandega vem de voga arrancada; as espectadoras da praya levantam alaridos. Felizmente dentro em pouco, tanto a Sapho como os dois Glaucos, não fabulosos, estavam pescados e em secco.

¿Mas quem n'o acreditaria? A Sapho era um Sapho tão macho como V. e mais eu; e toda aquella scena tragica um divertimento de tres maganões, excellentes nadadores, a quem appetecêra dar aos seus concidadãos uma farça gratuita. De V., etc.

Lisboa 28 de octubro de 1844. *L. V. de A.*

EMBAIXADOR TURCO.

3579 A 24 chegou a esta côrte, e a 27 foi apresentado a Suas Magestades, com grande ceremonial, o enviado extraordinario da *Sublime Porta*, por nome *Fuad-Effendi*, recém chegado de *Hispanha*, onde tambem fôra com embaixada em nome do seu augusto senhor.

É *Fuad-Effendi* um guapo turco, ainda moço, bem apessoado, de linhagem nobre, e grande credito na sua terra; muito rico, cortesão com os homens, delicado com as damas, conhecedor e amador dos costumes europeus, exprimindo-se em francez com pureza e facilidade; em uma palavra, tão pouco mahometano, segundo a idéa que dos mahometanos fazemos geralmente, que permittindo-lhe o propheta encher de perolas o thesoiro do seu harém, ou, fallando sem figura, ter um bando de mulheres para o endoidecerem, disse ao propheta, que lhe ficava agradecido, mas que lhe bastava uma, e com uma se contentou; e agora contenta-se ainda com menos porque madame *Effendi* ficou em Constantinopla. É um quinau famoso dado por um verdadeiro crente ao alcorão. Sua alteza o imperador dos musulmanos, posto que a respeito de serralho, discrepe muito das idéas do seu embaixador, é comtudo como elle em desejar que a Turquia cesse finalmente de ser a eremitôa da Europa, e principie a fraternisar com as nações christãs e civilisadas. Para isso o enviou portador de cartas suas de amisade e interesse ás duas jovens rainhas do Occidente; á de Castella, dando-lhe os parabens de ter chegado á maioridade; á de Portugal — «para lhe expressar a satisfacção grande, que tivera, em vêr restabelecidas as relações de amisade para sempre inalteraveis entre o imperio ottomano e este reino; e, para certificar a Sua Magestade, que não ha coisa que elle tanto deseje, como apertar cada vez mais os laços d'esta feliz união, que o mutuo interesse dos dois paizes formou, e que serão sempre indissoluveis.»

Está residindo o Sr. *Fuad Effendi* no lindo palacio dos Srs. Pintos Bastos, ao *Loreto*, convertido hoje na mais bella hospedaria de Lisboa. O luxo asiatico da vivenda condiz bem com a personagem, que a occupa.

ERRATA.

No artigo 3542, a pag. 163, linha 32, na epigraphe onde se lê *large de 307*, lêa-se *large de 3 e 7*,: pag. 163, col. 1.ª, linha 39, onde se lê *cidade de Alexandria*, lêa-se *cidade de Alexandre*: pag. 164, col. 2.ª, linha 20, onde se lê *fertilissimo Delta*, lêa-se *fertilissimo Delta.*